

## **Relato do isolamento social: minha (re)descoberta de Edward Hopper**

Report of social isolation: my (re)discovery of Edward Hopper

Giselle Hissa Safar<sup>1</sup>

### **RESUMO**

As mudanças profundas nas dinâmicas sociais causadas pelas medidas impostas para combate à pandemia do COVID-19 trouxeram prejuízo à economia mundial, às relações de trabalho e expuseram, entre outras mazelas, a fragilidade da sociedade em lidar com situações de distanciamento e isolamento. Por outro lado, essas mesmas mudanças exigiram atitudes de enfrentamento que se mostraram como uma grande oportunidade dos indivíduos se conhecerem melhor. O presente relato descreve uma experiência pessoal vivenciada nos primeiros meses do isolamento social na qual, por meio da relação estética estabelecida com as obras do artista Edward Hopper (1882-1964), foi possível perceber características psicoemocionais reveladoras de minha identidade.

**Palavras-chave:** Edward Hopper, solidão, isolamento social, autoconhecimento, arte.

### **ABSTRACT**

The profound changes in social dynamics caused by the measures imposed to combat the COVID-19 pandemic have harmed the world economy, labour relations and exposed, among other ills, the fragility of society in dealing with situations of distancing and isolation. On the other hand, these same changes required coping attitudes that proved to be a great opportunity for individuals to get to know each other better. The present report describes a personal experience lived in the first months of social isolation in which, through the aesthetic relationship established with the works of the artist Edward Hopper (1882-1964), it was possible to perceive psycho-emotional characteristics that reveal my

---

<sup>1</sup> Doutora em Design e professora aposentada de História da Arte e do Design - Universidade do Estado de Minas Gerais / giselle.safar@gmail.com

identity.

**Keywords:** Edward Hopper, loneliness, social isolation, self-knowledge, art;

Faça com que minha solidão me sirva de companhia. Faça com que eu tenha a coragem de me enfrentar. Faça com que eu saiba ficar com o nada e mesmo assim me sentir como se estivesse plena de tudo.

(Clarice Lispector, 1999, p. 124)

A pandemia do COVID-19 e as estratégias de enfrentamento e controle que foram empregadas, causaram mudanças profundas nas dinâmicas sociais: distanciamento social, isolamento social, quarentena, limitação de atividades de trabalho, rigorosas medidas de assepsia e antissepsia se fizeram presentes, com significativo impacto sobre a sociedade.

Acredito que muito ainda há para ser pesquisado, refletido e registrado sobre esse momento, mas não há dúvida que, no plano psicoemocional, sentimentos negativos como medo, tristeza, desânimo, estresse, ansiedade, insônia, entre outros, se tornaram uma realidade na vida de muitas pessoas (DIAS *et al*, 2020). Por outro lado, a desordem gerada por esse episódio, levou a reflexões, principalmente no âmbito individual, quando então, muitos de nós, isolados e forçados à inércia, pudemos nos conhecer melhor e rever alguns valores.

A experiência aqui relatada ocorreu logo no início da pandemia no Brasil, quando estávamos com cerca de cem dias de isolamento social. Todos que vivenciaram esse momento terão histórias para contar, boas ou não, mas ninguém passará incólume por uma situação que, não deveria, mas pegou o mundo de surpresa.

Nesse cenário, de tantas incertezas e temores, posso me considerar uma pessoa privilegiada porque pude cumprir as condições de quarentena com relativo conforto e ausência de preocupações, de modo diverso da maior parte da população de nosso país que sofre dificuldades de toda natureza.

Era de se esperar que o prolongado afastamento do convívio social e das atividades do trabalho me afetasse negativamente. Sempre tive muito receio da aposentadoria justamente porque, *workaholic* assumida, temia que a ausência de horários,

obrigações e responsabilidades me deixasse ansiosa ou deprimida. Da mesma forma, como professora universitária, sempre estive em contato com pessoas, alunos, colegas, gente de todas as idades e modos de pensar, numa convivência que promove a circulação de ideias e faz bem ao espírito. O isolamento social que eu, como parte de grupo de risco, acatei, acabou por me oferecer uma simulação de quando eu me afastasse profissionalmente, na inevitável aposentadoria e foi com certa surpresa que me vi encarando esse momento com relativa serenidade. A arte e um artista específico desempenharam um papel importante nessa reação e é justamente essa experiência que desejo relatar. Mas vamos com calma.

Durante a pandemia e o decorrente isolamento, fiz de tudo. Acompanhei atentamente a cobertura da mídia sobre a situação, me indignei com os desvarios dos gestores públicos, me emocionei com histórias de superação e solidariedade, me tornei doadora de organizações mundiais de assistência, colaborei com instituições de caridade e mobilizações locais, telefonei para conversar com parentes que não via há muitos anos, mantive contato com filhos e amigos por meio das redes sociais (embora elas não sejam muito fáceis para mim), enviei *posts* engraçados e críticos, compartilhei vídeos lindos e declarei meu afeto a todos que me importavam.

Também me ocupei bastante. Comprei (pela internet, é claro) e li muitos títulos novos, reli livros dos quais gostava, limpei e organizei, com disposição feroz, armários e estantes de meu apartamento, preparei aulas, escrevi, participei de reuniões, bancas e eventos online, joguei paciência (com cartas de verdade), fiz palavras cruzadas (digitais) e comecei um “diário da pandemia” que deixei de lado depois de três dias. Como *baby boomer* que sou, meu principal canal de comunicação com o mundo ainda é a televisão, então eu a mantive ligada quase o tempo todo, alternando minha atenção entre documentários, repetições infundáveis de filmes e séries contagiantes enquanto fazia outras atividades (eu preciso de ruídos e coisas acontecendo à minha volta para poder me concentrar). Enfim, preenchi meu tempo com prazeres e obrigações que, normalmente, ficavam bem abaixo do trabalho na lista de afazeres que eu me impunha cotidianamente.

Nos primeiros dois meses não senti tédio, não fiquei ansiosa, mas também não tive nenhum momento de epifania. Mal sabia que essa sensação profunda de compreensão viria a acontecer deflagrada por uma prosaica paisagem urbana.

Da janela de minha sala, no quarto andar de um edifício de apartamentos, vejo a Igreja da Boa Viagem em meio a um quarteirão ajardinado e rodeada de muitas árvores. É uma imagem da qual gosto muito por sua semelhança com outras tantas de igrejas europeias medievais. Pois bem, certa noite, já bem tarde, olhando pela janela os jardins iluminados da igreja, vi uma pessoa sentada, sozinha, envolvida pelo silêncio (algo raro numa região tão próxima ao centro da cidade) e por um jogo de luz e sombra, produzido, acidentalmente, pela iluminação pública e a folhagem das árvores. A sensação de *déjà vu* foi muito forte, mas num primeiro momento não identifiquei a origem.

Impressionada pela força da sensação e sempre orgulhosa de minha boa memória, insisti na lembrança, mas somente depois de um bom tempo, me ocorreu o nome de Edward Hopper. É importante esclarecer que eu conhecia pouco sobre esse pintor. Além de algumas obras emblemáticas, sabia que era norte-americano ligado ao realismo e que teve seu auge entre 1930 e 1950.

Faço aqui um pequeno desvio da narrativa para confessar que minha relação com a fruição artística, particularmente pinturas, é um tanto peculiar. Sou professora de História da Arte e meu repertório, adquirido ao longo de trinta e sete anos de estudos, leituras, documentários e visitas a museus é bastante bom, principalmente quanto às questões objetivas de uma obra tais como, quem fez, como e quando fez, qual o contexto de época da criação, quais suas características plásticas e compositivas, seu significado simbólico, entre outras. Infelizmente, o domínio desses aspectos objetivos me leva a ver as pinturas como documentos e me dificulta a fruição subjetiva, tornando raros os momentos de estesia.

Ah sim, eu os tive. Dois raríssimos momentos de emoção pura frente a uma obra de arte. A primeira, em 1997, com um quadro de Monet exposto no Masp de São Paulo e que eu não conhecia; a segunda numa inesperada exposição de obras de Van Gogh e Gauguin autênticas no Museu Santa Giulia, na cidade de Brescia, na

Itália em 2008. Tenho para mim que esses dois momentos foram possíveis apenas porque eu estava desprevenida e não tinha informações objetivas que pudessem me afastar das emoções que a obra de Monet e a tempestade de cores apresentada pela expografia interativa do Museu Santa Giulia provocavam.

Foi, portanto, com certa cautela que busquei mais informações sobre o artista e suas obras. Decidi fazê-lo apenas depois de apreciar o maior número de quadros que eu pudesse sem saber muita coisa. Assim fiz. Por meio do site <https://www.wikiart.org/en/edward-hopper> passei dez dias intercalando minhas atividades com a visão de cerca de 182 trabalhos de Edward Hopper. Foi uma experiência magnífica. Em diferentes horas do dia, em geral no fim da noite, eu percorria as obras e escolhia aquelas com as quais me identificava. Isso mesmo, a sensação era de identificação, reconhecimento e, ao mesmo tempo, da mais absoluta serenidade como se aquelas imagens expressassem um sentimento de inevitabilidade. Contando assim, em poucas palavras, não é possível expressar toda a emoção contida naqueles momentos. Nada dramático, é verdade, mas um certo tipo de melancolia agradável, como quando a gente folheia um antigo álbum de fotografias de família (daqueles de verdade com fotos amareladas e cantoneiras). Somente depois dessa fase é que procurei saber mais sobre o artista e sua obra, movida pela curiosidade em descobrir se o que havia sentido em relação às suas pinturas era coerente com que os especialistas diziam sobre seu trabalho.

Mas quem foi Hopper? Não foi difícil obter as informações biográficas. Há muita literatura a respeito dele e cumpre informar que utilizei principalmente Renner (1992), Shilvers (1996) e Murphy (2007).

Edward Hopper (1882-1967) (FIG 1) nasceu na cidade de Nyack, New York, numa família de classe média que o estimulou a seguir a carreira artística, permitindo seus estudos na New York School of Art onde recebeu forte influência da pintura impressionista e realista por meio de William Merritt Chase e Robert Henri, respectivamente. Essa influência viria a ser consolidada com três viagens a Europa nas quais mostrou interesse nos aspectos compositivos e no olhar sobre a vida urbana presentes em Édouard Manet e Edgar Degas.

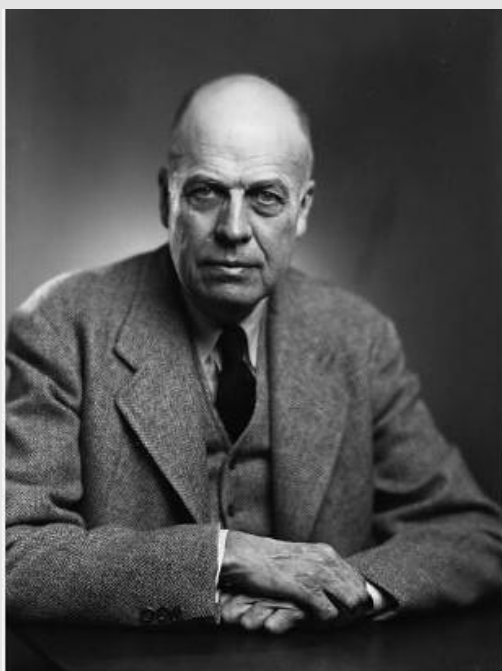


Figura 1: Edward Hopper (1882-1964), 1940. Fonte: Foto de Oscar White, Corbis Historical, via Getty Images



Figura 2: O artista com sua esposa Josephine Hopper, 1937. Fonte: Foto de Bernard Hoffman, LIFE Photo Collection, via Getty Images

A partir de 1910 Hopper participou de várias exposições coletivas e, em 1920, após sua primeira individual, começou a adquirir proeminência como artista. Vivenciou um casamento estável desde 1924 com a pintora Josephine Nevision (1883 – 1968) (FIG. 2) que foi sua modelo, principal encorajadora e responsável por detalhados registros de sua carreira. Manteve, ao longo de toda a vida, um estúdio em Greenwich Village e adquiriu o hábito de passar os verões na região de New England, mais especificamente em sua casa em Cape Cod, Massachussets, cenário de várias de suas obras.

Na década de 1930 atingiu a maturidade de seu estilo e recebeu grande reconhecimento nacional, tendo influenciado toda uma geração de artistas realistas norte-americanos. Apesar do sucesso comercial e premiações recebidas ao longo das décadas de 1940 e 1950, Edward Hopper foi perdendo terreno para o Expressionismo Abstrato que emergiu fortemente no cenário artístico dos Estados Unidos no período após a Segunda Guerra Mundial.

A solidão da condição moderna é um tema constante na obra de Edward Hopper.



Seus locais escolhidos são frequentemente vazios da atividade humana e frequentemente implicam a natureza transitória da vida contemporânea. Em postos de gasolina, trilhos de trem e pontes desertos, a ideia de viajar é repleta de solidão e mistério. Outras cenas são habitadas apenas por uma única figura pensativa ou por um par de figuras que parecem não se comunicar. Essas pessoas raramente são representadas em suas próprias casas; em vez disso, passam um tempo no abrigo temporário de cinemas, quartos de hotel ou restaurantes<sup>2</sup> (MURPHY, 2007, não paginado).

As cenas apresentam-se em formas bem delineadas, com uma iluminação forte, sem detalhes desnecessários. Os pontos de vista lembram ângulos fotográficos, como se fossemos espectadores acidentais de momentos da vida de outras pessoas. Uma quietude estranha, mas não assustadora, envolve as cenas, causando impacto psicológico (FIGS. 3 a 9).

Os especialistas são unânimes: Hopper é o pintor da cena americana retratando “a solidão, o vazio e a estagnação da vida urbana” (SHILVERS, 1996, p. 262), em cenas nas quais “os fantasmas do isolamento e da alienação são frequentemente invocados” (RENNER, 1992, p.90) e “os ambientes urbanos, paisagens da Nova Inglaterra e interiores são permeados por uma sensação de silêncio e distanciamento” (MURPHY, 2007, não paginado).



Figura 3: Nighthawks, 1942. Fonte: <https://www.wikiart.org/en/edward-hopper>

---

<sup>2</sup> His chosen locations are often vacant of human activity, and they frequently imply the transitory nature of contemporary life. At deserted gas stations, railroad tracks, and bridges, the idea of travel is fraught with loneliness and Mystery. Other scenes are inhabited only by a single pensive figure or by a pair of figures who seem not to communicate with one another. These people are rarely represented in their own homes; instead, they pass time in the temporary shelter of movie theaters, hotel rooms, or restaurants.

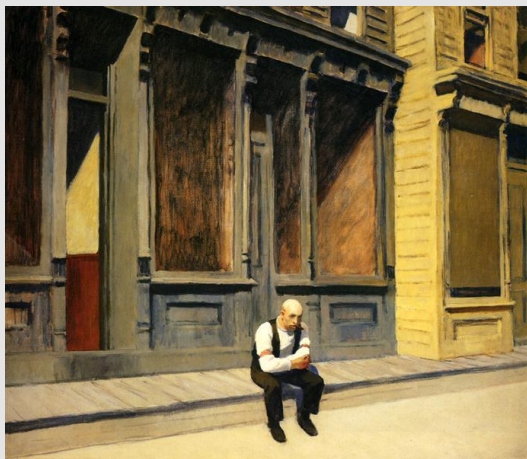


Figura 4 – *Sunday*, 1926

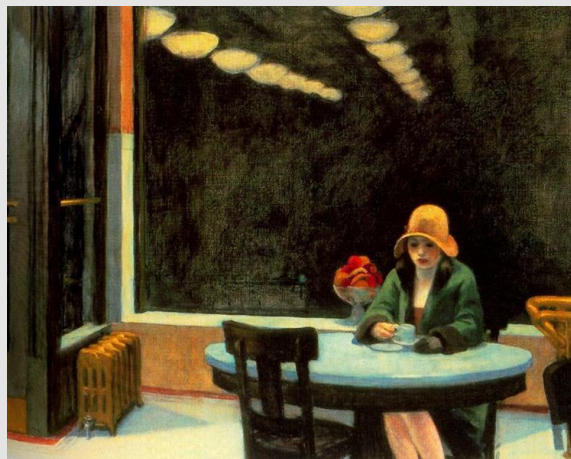


Figura 5 – *Automat*, 1927

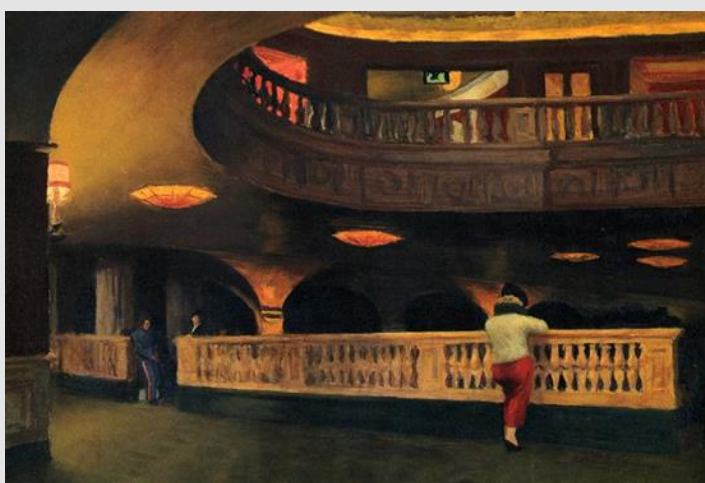


Figura 6 – *Sheridan Theatre*, 1937



Figura 7 – *Compartment car*, 1938



Figura 8 – *Gas*, 1940

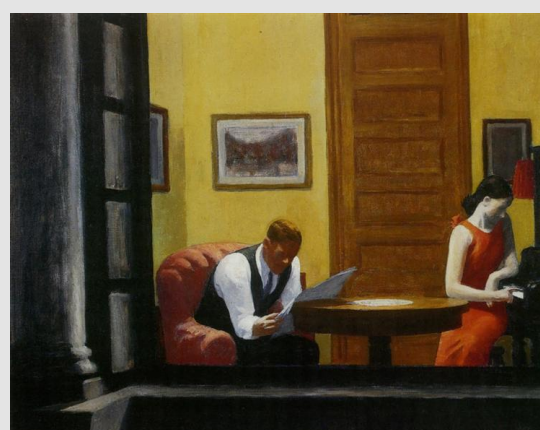


Figura 9 – *Room in New York*, 1940.

Fonte para figuras 4 a 9 - <https://www.wikiart.org/en/edward-hopper>

Cada uma dessas cenas resulta da captura de um momento de pausa na performance da vida, que, no meu caso, representava um intervalo silencioso em meio aos sons estridentes da desordem pandêmica.



Hopper negava que a solidão fosse um forte tema de suas obras (LEVIN, 2007: KARNAL. 2018) talvez por não ver nelas, assim como eu não via, a projeção de sentimentos tristes ou angustiantes normalmente associados ao isolamento. Para ele, um homem tranquilo, quieto, metódico, de humor gentil e que vivia um relacionamento feliz (LEVIN, 2007) sua pintura falava por si mesma e se comprazia em ser o registro do mundo ao redor. Levei algum tempo para entender que a solidão e o isolamento que os críticos e historiadores viam nas pinturas de Hopper eram simplesmente o registro empático de um ser humano observando, com certo fatalismo, as pessoas normais e comuns à sua volta.

Na tentativa de me convencer que não havia nada “errado” com o que as pinturas silenciosas me despertavam, lembrei de uma colocação de Berger (1999) aparentemente óbvia, é verdade, mas bem apropriada ao universo acadêmico no qual estou inserida e no qual, condicionados à leitura de especialistas, somos levados a não valorizar os próprios sentimentos em relação a uma obra de arte.

Uma imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou – por alguns momentos ou séculos. Toda imagem incorpora uma forma de ver. [...] contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também de nosso próprio modo de ver (BERGER, 1999, p. 11-12).

Compreendi que minha apreciação/identificação com as pinturas de Hopper residia justamente na percepção de que a solidão nelas retratada não doía e nem me incomodava, mas refletia a serenidade de quem, pelo menos por alguns momentos, foi capaz de evitar os conflitos a partir dos quais a vida se faz presente e, no diálogo silencioso com si mesmo, adquirir a segurança de sua própria identidade. Em Edward Hopper não projetei os sentimentos tristes atribuídos à solidão porque dela não tenho medo. Fiz as pazes com a condição de estar só.

Finalizo com uma citação de Karnal (2018) que me tocou profundamente e explica de uma forma elegante a relação desenvolvida com as pinturas de Edward Hopper.

A solidão deve ser uma vitória, uma conquista, um esforço pessoal para evitar o excesso de barulho interno e externo. A solidão é distinta da afirmação de que sou autônomo e independente. Ninguém é completamente autônomo e independente. Somos gregários, tribais,

sociais e vivemos em grupos maiores. A percepção da diferença, da chamada alteridade, do contato desafiador com as pessoas é uma chave essencial de crescimento. Apenas na solidão tornada solitude eu consigo um período de mínimo distanciamento para redescobrir quem eu sou e, acima de tudo, quem eu não sou (KARNAL, 2018, p. 129-130)

Recebido em: 19/08-22 - Aceito em 11/10/22

## REFERÊNCIAS

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, 164 p.

DIAS, JAA, DIAS, MFSL, OLIVEIRA, ZM, *et al.* Reflexões sobre distanciamento, isolamento social e quarentena como medidas preventivas da covid-19. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro** v. 10, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v10i0.3795>

KARNAL, Leandro. **O dilema do porco espinho**: como encarar a solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018, 192 p.

LEVIN, Gail, **Edward Hopper: An Intimate Biography**, New York: Alfred A. Knopf, 1995.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**, Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1999.

MURPHY, Jessica. Edward Hopper (1882–1967). In **Heilbrunn Timeline of Art History**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000 –. [http://www.metmuseum.org/toah/hd/hopp/hd\\_hopp.htm](http://www.metmuseum.org/toah/hd/hopp/hd_hopp.htm) (June 2007)

RENNER, Rolf Günter. **Edward Hopper 1882-1967**: transformações do real. Köln: Taschen, 1992, 96 p.

SHILVERS, Ian. **Dicionário Oxford de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 584 p.

WIKIART.ORG - ENCICLOPÉDIA DE ARTES VISUAIS. Site sem fins lucrativos elaborado e alimentado por voluntários online e cujo objetivo é tornar a arte do mundo acessível a qualquer pessoa e em qualquer lugar. Possui cerca de 250.000 obras de arte de 3.000 artistas, apresentadas em 8 idiomas. As obras estão em museus, universidades, prefeituras e outros edifícios civis de mais de 100 países.

Disponível em: <https://www.wikiart.org/>. Acesso entre 15 e 25 jun. 2020.